

Aspectos metodológicos e historiográficos da *História da Loucura*: uma discussão sobre a narrativa de Michel Foucault

Bruno Daemon Barbosa¹³⁰

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar aspectos historiográficos e metodológicos da obra *História da Loucura na Era Clássica* de Michel Foucault. Com base em pontos relevantes e fundamentais de sua narrativa histórica, a obra é analisada à luz de críticas de pesquisadores que buscam problematizar seus argumentos e conclusões. As interpretações de Foucault, apesar de inovadoras, apresentam problemas historiográficos e de fundamentação empírica importantes. Seus principais argumentos, uso de fontes e evidências, método de pesquisa e interpretações são questionados com o intuito de demonstrar que a *História da Loucura* deve ser tratada como uma narrativa singular e não enquanto conclusão geral, definitiva e verdadeira acerca da história da loucura. Entretanto, a proposta deste trabalho não se resume a apontar problemas e falhas da obra ou do pensamento do autor, mas, sobretudo, discutir a possibilidade de outras narrativas, interpretações e conclusões sobre o tema da história da loucura no ocidente.

Palavras-chave

Foucault; História da Loucura; Historiografia; Epistemologia; Psiquiatria Moderna.

Abstract

This article aims to analyze historiographical and methodological aspects of Michel Foucault's work *History of Madness in the Classical Age*. Based on relevant and fundamental points of his historical narrative, the work is analyzed in light of criticisms by researchers who seek to problematize his arguments and conclusions. Foucault's interpretations, despite being innovative, present important historiographical and empirical foundation problems. His main arguments, use of sources and evidence, research method and interpretations are questioned in order to demonstrate that the *History of Madness* should be treated as a singular narrative and not as a general, definitive and true conclusion about the history of madness. However, the purpose of this work is not limited to pointing out problems and flaws in the author's work or thought, but, above all, to discuss the possibility of other narratives, interpretations and conclusions on the subject of the history of madness in the West.

Keywords

Foucault; History of Madness; Historiography; Epistemology; Modern Psychiatry

¹³⁰ Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Possui graduação em Psicologia pela PUC-Rio e Pós-Graduação em Especialização em Residência Multiprofissional em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ). Formado em Licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). Tem experiência em pesquisa como aluno de mestrado bolsista CNPQ na linha de pesquisa “Literatura, Teoria e Crítica Literária”; sobre as relações entre Literatura, Filosofia e Psicanálise na contemporaneidade pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal Fluminense (UFF) (2020-2021) Tem experiência com variados quadros clínicos psiquiátricos e situações psicossociais e trabalhou em diversas unidades de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), dentre elas: Clínica da família, Centros de Atenção Psicossocial, emergência psiquiátrica e hospital psiquiátrico. Tem experiência também como Acompanhante Terapêutico. Tem experiência como estagiário de Psicologia pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (2013) no Centro de Desordens Mentais na Velhice (CDA). Participou do programa de intercâmbio da PUC-Rio como aluno do mestrado integrado em Psicologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) em Portugal (2011/2012). Foi aluno bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq de Psicologia na linha de pesquisa em Psicanálise e Cultura com ênfase sobre a questão do trauma, da repetição e da pulsão de morte em suas faces desestruturantes e subjetivantes. E-mail: brunobdb88@hotmail.com

Introdução

Este artigo examina criticamente a obra *História da Loucura na Era Clássica* (1961) de Michel Foucault, destacando seus limites e problemas historiográficos, metodológicos e epistemológicos. A partir de uma perspectiva arqueológica, Foucault propõe compreender o surgimento da psiquiatria moderna como fruto de um processo de exclusão social e racional da loucura. Sua tese articula o domínio da razão sobre a desrazão com destaque para dois marcos principais: o gesto filosófico de René Descartes nas *Meditações Metafísicas* e a “Grande Internação” de 1656, com a fundação do *Hospital Geral* em Paris.

No primeiro capítulo, o artigo apresenta a proposta metodológica de Foucault, cujo objetivo seria resgatar a experiência da loucura silenciada pelos discursos de cunho moral e científico da modernidade. A loucura, segundo Foucault, é construída historicamente como doença mental dentro de regimes de verdade contingentes que articulam saber, poder e exclusão. Em sua visão, a psiquiatria moderna emerge como instrumento de medicalização e silenciamento da alteridade representada em sua narrativa pela loucura. Em seguida são apresentadas críticas historiográficas e metodológicas à obra, recorrendo aos argumentos de Andrew Scull, Erik Midelfort e Jacques Derrida, que apontam inconsistências importantes, dentre elas: o uso inadequado de fontes, generalizações indevidas e interpretações infundadas de eventos, marcos e figuras históricas. O uso de documentos normativos como evidência empírica, a tese da Grande Internação e a interpretação do gesto cartesiano como exclusão ontológica da loucura são alguns dos pontos criticados por Scull e Midelfort. Derrida, por sua vez, questiona a interpretação de Foucault das *Meditações*, a rigidez estruturalista do modelo foucaultiano e sua tendência a homogeneizar processos históricos complexos.

No segundo capítulo, o artigo apresenta outras interpretações sobre o contexto de surgimento da psiquiatria, especialmente no que diz respeito ao pensamento diagnóstico dos alienistas. Em contraste com Foucault, autores como Gladys Swain e Marcel Gauchet defendem que a modernidade implicou a inclusão da loucura e o reconhecimento do sujeito alienado como alguém capaz de ser tratado e persuadido pela medicina. A psiquiatria moderna, segundo essa leitura, não se desenvolveu apenas como repressão, mas também, e sobretudo, como reorganização humanitária e científica da alteridade. Alinhado a isso, o artigo também aborda a transformação da relação entre loucura e religião a partir do processo de secularização e da reconfiguração do discurso médico com o auxílio de Philippe Huneman e Peter Vandermeersch. Em seguida, à luz de Peter Morton e Barbara Dähms, uma breve discussão sobre o fenômeno

111

da bruxaria na modernidade serve de referência para demonstrar a coexistência de múltiplos discursos entrelaçados (jurídicos, teológicos, médicos) sobre a loucura na Idade Moderna.

No último capítulo, com base em Michel de Certeau e John Iliopoulos, argumenta-se que embora a obra de Foucault seja decisiva para a crítica do pensamento moderno sobre a psiquiatria, sua narrativa apresenta limites e equívocos empíricos e epistemológicos importantes. A história da loucura se revela mais plural, ambígua e historicamente situada do que a versão proposta pela arqueologia do silêncio. Em vez de um processo de repressão linear e científico da loucura, o que se observa é um campo multifacetado de disputas e transformações que moldaram de forma complexa a constituição da psiquiatria moderna. Apesar disso, são apresentados também argumentos a favor de Foucault e que buscam problematizar o caráter das críticas ao seu trabalho

Nas considerações finais busca-se demonstrar que a proposta foucaultiana para a história da loucura, apesar de inovadora e influente, apresenta limites interpretativos e metodológicos que merecem exame crítico. Entretanto, reconhece-se também que seu valor não reside necessariamente na fidelidade empírica às fontes ou à tradição historiográfica convencional, mas sim na força interpretativa de sua construção ilustrativa. Argumenta-se que a *História da Loucura* deve ser compreendida como uma narrativa singular que visa revelar estruturas éticas e sociais de experiências históricas complexas, mais do que descrever eventos e processos com rigor empírico e documental. Por isso, o trabalho de Foucault pode ser valorizado não apenas por seu conteúdo teórico, mas também por seu caráter histórico, literário, performativo e ético. Desse modo, este estudo propõe-se tanto a criticar os excessos e limites da narrativa de Michel Foucault, como reconhecer sua contribuição original para a discussão sobre a relação entre loucura, racionalidade e a constituição da psiquiatria moderna.

1) A proposta de Michel Foucault e críticas à *História da Loucura na Era Clássica*

Em *História da Loucura na Era Clássica* (1961) Michel Foucault apresenta uma narrativa crítica do que seria a história da loucura no mundo ocidental entre os séculos XV e XIX. No prefácio à primeira edição de 1961 o autor expõe o objetivo maior de sua obra, revelando seus aspectos historiográfico e metodológico. Como nos diz, pretende fazer uma “arqueologia do silêncio” da loucura e revelar os *movimentos rudimentares* de sua experiência moderna.¹³¹ Enquanto instrumento teórico-metodológico, o objetivo de sua arqueologia seria

¹³¹ Foucault, M. *Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*, 1999, p. 140.

reescrever a história das ideias, pensamento e ciência que teria silenciado formas de saber. Sua premissa fundamental é a de que existem regras discursivas que definem possibilidades conceituais e determinam o pensamento e a linguagem em um período epistemológico. Ao longo da história do pensamento humano, o confronto entre relações de saber e poder teria, em seus diversos contextos, consagrado alguns saberes e conhecimentos em detrimento de outros. Entretanto, o propósito do método arqueológico não seria extrair evidências e elementos relevantes e descritivos de um período histórico e fazer uma história do conhecimento, mas articulá-los a estruturas normativas e princípios de cunho moral, jurídico, religioso e científico que podem revelar as percepções, representações e transformações que ocorrem ao longo do tempo.

No caso da loucura, o exercício arqueológico estaria na identificação de marcos históricos no trajeto em que teria sido mapeada e constrangida pela racionalidade característica da modernidade. Um processo social e cultural no qual transformações institucionais e epistemológicas seriam particularmente relevantes para o modelo psiquiátrico asilar e classificatório do século XIX. A arqueologia exporia, portanto, os desdobramentos de um processo de medicalização que resultou no reposicionamento entre a razão e o silêncio da loucura. Por meio de seu método, Foucault pretende então “escavar” e resgatar uma experiência que teria sido esvaziada de sua plenitude e transformada em *desrazão*. (Foucault, 1999, 2001)

Apesar de não deixar claro como a história social e das ideias se articulam em sua narrativa, o autor destaca alguns eventos e marcos históricos e intelectuais que representam um processo geral e gradual de racionalização da sociedade europeia durante a Idade Moderna. Uma das principais evidências apontadas seria o suposto gesto de exclusão da loucura que René Descartes teria cometido na passagem do quarto parágrafo de sua obra *Meditações Metafísicas* de 1641. Segundo Foucault, o pensamento de Descartes seria o representante maior do domínio da razão sobre a loucura, privando-a da possibilidade de pensar e existir. A passagem teria a relevância de um evento ontológico que consolidou o domínio material da razão sobre a loucura e seria uma expressão intelectual das raízes da estrutura de exclusão e internação dos loucos durante a Era Clássica.¹³² No campo prático, Foucault destaca o evento da Grande Internação do século XVII. A partir de édito real de 27 de abril de 1656 que decretava a fundação do *Hospital Geral* em Paris, a prática de internamento de populações excluídas teria se iniciado na

¹³² Era Clássica é um termo utilizado por Michel Foucault para designar o período histórico posterior ao Renascimento e que vai até o período da Revolução Francesa. Geralmente serve para enfatizar o resgate de valores clássicos durante as transformações sociais e econômicas do início da Idade Moderna, principalmente no campo das artes, literatura e cultura. Esse é precisamente o período que Foucault identifica como referência do processo cultural de formação de uma estrutura de domínio da razão sobre a loucura.

sociedade europeia. A seu ver, essa iniciativa teria inaugurado o processo geral de exclusão social da loucura e sua definição categórica a partir de imperativos morais, jurídicos e administrativos. A Grande Internação é de suma importância para a *História da Loucura*, já que representa a origem de práticas institucionais de relação com a loucura que estariam na gênese do processo de constituição da psiquiatria moderna.

O gesto de Descartes e a Grande Internação são pontos da obra que servem de suporte para os argumentos sobre a transformação da relação entre razão e desrazão na Era Clássica. Em sua narrativa, são considerados como marcos inaugurais do processo de medicalização da loucura e que teriam levado à sua consolidação como doença mental na sociedade europeia moderna. Fazem parte de um processo relacionado à forma como o pensamento diagnóstico dos alienistas dos séculos XVIII e XIX compreendia a loucura. Em sua visão, para os alienistas a doença mental teria se tornado uma representação necessária e um meio de reconhecer uma resposta médica concreta para os problemas reais da loucura, formada por relações específicas de poder e discursos sobre a verdade. Configurava-se como uma experiência de limite epistemológico e uma ideia categórica da razão que requeria atenção filosófica, médica e social. Mas, como observa, não enquanto uma categoria universal, e sim dentro de uma relação de verdade e falsidade que a validava como doença mental. Portanto, a loucura na Era Clássica seria um objeto contingente e historicamente determinado e, ainda assim, uma representação necessária.¹³³

Portanto, de seu ponto de vista histórico, a doença mental não poderia ser considerada como uma entidade ontológica invariável e que tem uma problemática em si mesma. Contrariamente, teria sua existência e definição enquanto uma categoria que faz parte de uma problematização relativa às relações de poder que envolvem os campos médico, social e jurídico. Para Foucault, a origem da representação da loucura como doença mental não poderia ser pensada como algo homogêneo e imutável, mas historicamente produzido e sob regras e regimes de verdade contingentes. Cabe ressaltar que Foucault chama a atenção para a dimensão

¹³³ Em seus cursos no Collège de France, no início da década de 1970, Foucault falava da psiquiatria e suas instituições enquanto dispositivos de poder capazes de produzir enunciados e discursos que ocasionaram as formas de representar e designar a loucura. A relação entre saber e poder teria provocado a configuração e institucionalização de representações da loucura dentro de regimes de verdade e de certificação epistemológica. No entanto, cabe ressaltar que entre os anos de 1961 e 1972, a metodologia de Foucault sofreu mudanças, deixando de demonstrar um interesse pela arqueologia trágica do silêncio, que conduziu o projeto da *História da Loucura*, para se ater a uma investigação sobre a genealogia do poder-conhecimento. A busca por compreender a eficácia transformativa do pensamento deixou de ser conduzida por um método que se interessava por políticas de transgressão literária para se voltar a uma análise de práticas e eventos discursivos. (Ariel et al., 2016) Trata-se, de fato, de um Foucault dos anos de 1970 que, em vários aspectos, difere do Foucault de 1961. No entanto, apesar de complementar o entendimento sobre seus objetivos ao estudar a história da loucura, comentar as transformações no seu pensamento não faz parte do escopo do presente trabalho.

ética e política de legitimação da ciência médica sobre a loucura. A *História da Loucura* procurava se contrapor diretamente à uma tradição do campo da história da psiquiatria que narrava o seu desenvolvimento teórico com base em uma perspectiva de glorificação de suas descobertas científicas e experiências vistas como bem-sucedidas.

Sua crítica à psiquiatria apontava precisamente para a história de um modelo de conhecimento com raízes no início da Idade Moderna, cuja problemática era relacionada às relações de poder inerentes ao encontro entre a racionalidade moderna e a loucura.¹³⁴ A Era Clássica, determina Foucault, denunciaria a ascensão de uma figura modificada de maneira radical pela linguagem da razão. Entre 1656, com a fundação do *Hospital Geral*, e o ano de 1794, quando os loucos são libertados de suas correntes em *Bicêtre*, um processo ambíguo de repressão absoluta e positivação da loucura teriam coexistido. No entanto, como veremos, algumas análises da *História da Loucura na Era Clássica* revelam problemas em sua abordagem metodológica e historiográfica. Aparentemente, as interpretações de eventos, marcos históricos, personagens, ideias, textos e períodos são passíveis de críticas e contestações que permitem questionar seus argumentos e conclusões sobre a história da loucura.

Referindo-se principalmente às fontes primárias e secundárias utilizadas pelo filósofo francês, Andrew Scull aponta para o problema que surge entre a qualidade do trabalho empírico e as construções intelectuais do autor da *História da Loucura*.¹³⁵ Apesar de Foucault ter acesso a materiais relevantes, como uma variedade de textos médicos ingleses, franceses e alemães dos séculos XVII e XVIII, assim como de escritos de filósofos como Spinoza e Descartes, no que se refere à utilização de fontes seria evidente a superficialidade de suas informações. Segundo Scull, muitos materiais indicados por ele foram usados para se referir a períodos anteriores aos pretendidos, assim como boa parte de suas considerações gerais sobre os aspectos das instituições de confinamento foram basicamente extraídos de regras e regulamentos impressos e ocasionais. Além disso, o sociólogo se pergunta como esses documentos poderiam fornecer evidências rigorosas quanto à lógica e à realidade interna e social desses lugares. De

¹³⁴ A crítica de Foucault a uma história da psiquiatria com ênfase sobre o progresso da ciência fazia parte de sua época, com então figuras como Erving Goffman e Thomas Szasz. Erving Goffman é autor de “*Manicômios, prisões e conventos*” (1961) e crítico das instituições que caracterizou como *totais*, dentre elas o hospital psiquiátrico. Thomas Szasz escreveu “*O mito da doença mental*” (1960), onde declara que a doença mental não existe, sendo uma construção teórica da psiquiatria voltada principalmente para o controle social. Ambos os autores fazem parte de um período de contestações do saber e das instituições da psiquiatria.

¹³⁵ Andrew Scull é um sociólogo britânico e estudioso da história social da medicina e da psiquiatria. Atualmente professor da Universidade da Califórnia em San Diego (EUA), é autor de livros como *Madhouse: A Tragic Tale of Megalomania and Modern Medicine* (2005), *Hysteria: the biography* (2011), *Madness in Civilization: A Cultural History of Insanity* (2015), *Psychiatry and its Discontents* (2019) e *Desperate Remedies: Psychiatry's Turbulent Quest to Cure Mental Illness* (2022). Em algumas de suas obras destaca algumas críticas em relação ao trabalho de Michel Foucault em *História da Loucura na Era Clássica*.

modo geral, são majoritariamente franceses e sobre os quais Foucault permanece em silêncio quanto à intenção de suas utilizações, critérios de seleção e capacidade de representarem e distinguirem o real e o ideal (Scull, 2019).

Em vista disso, sua pesquisa não dá atenção a uma grande quantidade de material relevante. De modo geral, suas conclusões se sustentam principalmente em fontes duvidosas do século XIX, o que o leva a construções intelectuais muitas vezes erradas, hiperbólicas e baseadas em evidências frágeis. Esses problemas das fontes ocasionaram, conseqüentemente, invenções, falsas conclusões, má interpretações e exageros, como a atribuição de eventos locais da capital francesa a todo o mundo ocidental ou a ideia de que os grandes asilos ingleses foram construídos em velhos mosteiros e conventos. Os efeitos desses problemas de interpretação histórica de Foucault podem ser vistos, por exemplo, no modo como considera as evidências empíricas em seu trabalho como historiador. A conclusão sobre o lugar da lepra na sociedade medieval, por exemplo, foi formulada a partir de conhecimentos e documentos dos séculos XIX e XX. Além disso, como aponta o historiador norte americano Erik Midelfort (1980), enquanto para Foucault a loucura-silêncio é indefinida e inapropriável, curiosamente a lepra é tratada como sendo uma doença epistemologicamente estável, não sendo questionada em sua positividade.

Outra crítica importante dos historiadores se dirige à maneira como Foucault interpreta as composições artísticas e literárias referentes à *Nau dos Loucos*: enquanto representações de coisas reais e não como conceitos meramente artísticos, culturais ou literários. Scull e Midelfort destacam o equívoco em considerar as naus como existências reais, quando, na verdade, seria uma ficção construída pelo autor. Em sua narrativa, Foucault nos induz a compreendê-las como existências reais e essenciais à sociedade medieval, cuja significância prática e simbólica representava a resposta cultural hegemônica à loucura: uma noção totalmente errada. (Scull, 2015, 2019; Midelfort, 1999).

O tema da Grande Interação também é objeto de críticas importantes de historiadores e pesquisadores. Michel Foucault teria cometido um equívoco ao caracterizar os séculos XVII e XVIII como a “era da grande interação” na Europa. Em *Madness: a brief history* (2002) o historiador Roy Porter chega a reconhecer sua interpretação como razoavelmente plausível, mas indica para o caráter simplista e generalista da ideia da grande interação. Segundo Porter, com exceção da França, o século XVII não representa nenhuma onda de institucionalização da loucura, que sofreu respostas diferenciadas em outros países e jurisdições, assim como, mesmo no território francês, não teria havido uma centralidade de respostas institucionais para o caso da desrazão. Segundo Andrew Scull, o projeto foucaultiano de reinterpretação da história da

psiquiatria moderna e do iluminismo como glorificação da Razão, rejeitou a possibilidade de que um progresso científico e humanitário estivesse em ocorrência ao longo do processo de constituição do asilo como destino institucional da loucura. Posição que gerou uma interpretação inversa quanto à contribuição da medicina frente à loucura, caracterizando o internamento enquanto um “grande aprisionamento moral”. (Scull, 2019)

Vale lembrar que para Michel Foucault o processo de medicalização da loucura que ocorreu com William Tuke (1732 – 1822) e Philippe Pinel (1745 – 1826) em dimensões positivistas e morais, seria a expressão final de uma estrutura de exclusão e apropriação da loucura no universo da razão que se estabeleceu durante a Era Clássica. Na Idade Moderna, de fato, é possível identificar a ascensão de uma medicina mental como campo de saber sobre a loucura, assim como o domínio de uma linguagem orgânica e biológica da doença mental. Ainda assim, apesar do asilo e da medicina terem se constituído como as grandes respostas sociais e científicas na modernidade, a *História da Loucura* apresenta esse processo como um retrocesso moral ligado ao progresso científico.

Contudo, como a ideia de uma prática de internamento que se desenvolveu na Era Clássica frente à loucura, como apontado por Foucault, não parece se sustentar historicamente, o caráter moral e racional da psiquiatria moderna pode não ter a origem e o significado presentes na *História da Loucura*. Do ponto de vista histórico, não é possível encontrar evidências empíricas que sustentem suas conclusões. Na argumentação de Andrew Scull, as conclusões de Foucault referentes ao grande confinamento da Era Clássica são construções intelectuais ilusórias e desprovidas de evidências. Não correspondem ao que ocorreu na França e na Inglaterra nesses séculos, tanto no que se refere à loucura, quanto aos pobres, desocupados e a todas as figuras consideradas moralmente desviantes. Os números do encarceramento não foram tão grandes quanto sustenta, assim como o destino dessas pessoas, em sua maioria, permanecia na informalidade e fora de qualquer intenção institucional organizada.

Além do trabalho empírico, também é possível encontrar problemas sobre os aspectos historiográficos e metodológicos na *História da Loucura*. Em “*Cogito e história da loucura*” (1963) Jacques Derrida se debruça de forma consistente e precisa sobre o prefácio e o segundo capítulo do livro, em especial na leitura de Foucault das *Meditações Metafísicas* de René Descartes. Em seu texto problematiza as propostas de Foucault não apenas em relação à loucura e à razão, mas à obra como um todo, dito de outra maneira, à proposta da possibilidade de escrever uma história da loucura por meio de uma arqueologia do silêncio.¹³⁶

¹³⁶ Trata-se de um texto que gerou um debate importante entre Michel Foucault e Jacques Derrida sobre as *Meditações Metafísicas* de René Descartes e a *História da Loucura*. O debate entre os dois filósofos se estende

Apesar de não ser uma crítica endereçada propriamente à historiografia, o debate filosófico quanto ao estatuto do Cogito cartesiano tem repercussão sobre a compreensão dos efeitos do decreto político de 1656 que teria ocasionado a grande internação do século XVII, já que a exclusão da loucura por Descartes teria a dimensão de um evento intelectual correlato ao ato de confinamento da loucura no Hospital Geral. Além disso, o texto de Derrida expõe, sobretudo, críticas que apontam para questões metodológicas e epistemológicas importantes, com reflexos sobre o sentido, o significado e a finalidade da *História da Loucura*.

De modo geral, Jacques Derrida enxerga as conclusões de Foucault acerca da relação entre razão e loucura em René Descartes como muito restritivas ao sistema de divisões da história. A visão excessivamente estruturalista, segundo diz, seria responsável por atribuir à passagem de Descartes uma determinada relação semântica com uma certa totalidade histórica significativa. Como argumenta, Descartes não teria excluído a loucura do Cogito, mas sim o prejuízo metafísico que esta poderia oferecer à ordem das razões. A declarada impossibilidade de se igualar à loucura não indicaria sua exclusão definitiva, mas uma suspeita de que comparar-se aos loucos seria uma loucura. Por esse motivo, Derrida questiona a importância dada ao autor das *Meditações* e de sua filosofia enquanto signo da totalidade da estrutura histórica de exclusão da loucura. O autor apresenta uma interpretação de Descartes oposta à de Foucault e não encontra nas *Meditações Metafísicas* o mesmo lugar para a loucura em relação à razão.

2) Inclusão social e outras interpretações sobre a história da loucura na Idade Moderna

Os problemas de interpretação de eventos, contextos e figuras históricas como de René Descartes e da Grande Internação também se estendem para os alienistas franceses dos séculos XVIII e XIX, especialmente Philippe Pinel. Críticos da *História da Loucura* observam que, longe de fazer parte de uma nova episteme, como propõe Foucault no último capítulo da obra, “O círculo antropológico”, o pensamento teórico-clínico da época se mostrava em continuidade e diálogo com as tradições médicas europeias de origem grega e romana. (Midelfort, 1980) Além disso, mesmo que sob uma análise científica rigorosa, o entendimento sobre a loucura de

em mais alguns textos, sendo o “*Cogito e história da loucura*” (1963) apenas o início das ponderações. Posteriormente, Foucault replica em “*Resposta a Derrida*” (1972) e em “*Meu corpo, este papel, este fogo*” (1972). Assim como mais tarde, e já após o falecimento de Foucault, Derrida tece mais outra crítica, agora relativa à posição de Foucault acerca da psicanálise, em “*Fazer justiça à Freud: a história da loucura na era da psicanálise*” (1991). O debate entre Foucault e Derrida sobre o lugar da loucura no Cogito cartesiano revela interpretações e apreensões diferentes diante das *Meditações*. Além disso, envolve não apenas questões relativas aos argumentos lógicos e racionais do texto, mas também a aspectos contextuais e performativos da filosofia e do pensamento de René Descartes. O debate foi tema do artigo “*Foucault leitor de Descartes e a crítica de Derrida*”, de Bruno Daemon Barbosa, publicado pela revista *Ensaios Filosóficos* em 2023.

Philippe Pinel era fruto da articulação de compreensões atreladas a contextos culturais complexos. Portanto, o pensamento diagnóstico dos alienistas pode não ter o significado histórico atribuído pela *História da Loucura*.

Bettina Bergo (2010) observa que o exame da teoria de Pinel mostra que o psiquiatra francês teria iniciado um processo de reconhecimento do *sujeito* da loucura, tanto em um sentido gramatical quanto político, o que teria possibilitado a instituição de uma subjetividade aberta à persuasão médica e que requeria um tratamento humanitário. Em vista disso, seria possível argumentar que a psiquiatria não teria origem em um processo de exclusão da loucura, como defende Foucault, mas de inclusão social característica da Idade Moderna.¹³⁷ Essa visão se contrapõe à interpretação de que a psiquiatria libertou os loucos para o controle e classificação opressiva, como questiona em referência ao mito de Pinel. Não haveria no período de configuração da instituição asilar moderna uma ideia de negação e exclusão da loucura, mas sim de inclusão e afirmação de um sujeito que existe, apesar da doença mental. Portanto, a modernidade não teria sido um processo de negação da loucura, mas de reapropriação de sua alteridade, sendo Pinel o pivô de uma história do Eu.

Além disso, Foucault teria considerado a loucura enquanto um agente histórico anônimo e alienado de medidas administrativas intencionais, mas que, na verdade, seria objeto de negociações políticas na construção de um asilo voltado para a cura das manias. A ideia de clínica em Pinel seria precisamente a concepção de que um sujeito racional e humano subsiste à doença mental e que a medicina poderia curá-lo. Seu modelo de classificação de doenças psiquiátricas mostra que a loucura envolveria uma destituição subjetiva, compreendendo-a enquanto uma doença da divisão da identidade pessoal - as doenças atacavam o Eu e nunca haveria uma abolição total do sujeito na loucura.

Gladys Swain (1977) argumenta que Pinel teria sido o primeiro teórico da insanidade, confrontando o que chamou de “delírio intermitente”: uma doença compreendida como temporária. A loucura dos doentes teria uma dimensão superficial, de modo que mesmo durante os piores momentos críticos de um distúrbio o funcionamento normal persiste. Pinel teria inferido a premissa de que a loucura nunca é completa e que o alienado mental sempre preserva alguma distância da alienação. Em sua crítica à ideia de uma insanidade completa, o doente aparecia como um alienado de si mesmo e sujeito da sua insanidade. O sujeito então, na doença

¹³⁷ O século XVIII é um período em que, por exemplo, iniciou-se o desenvolvimento de sistemas de educação especial para aqueles considerados “idiotas”, assim como também o surgimento da linguagem de sinais para pessoas com deficiência auditiva. Um período em que se inicia a elaboração de estratégias de inclusão institucional de pessoas que anteriormente se encontravam à margem do universo intelectual e comunicativo e que refletem atitudes científicas e humanitárias características do Iluminismo.

mental, de alguma forma volta-se contra si mesmo, implantando contra si maneiras que o fazem sofrer.

No que se refere ao caráter epistemológico da psiquiatria alienista, na teoria de Pinel a natureza da loucura não estaria vinculada a um sujeito cartesiano que a compreende enquanto desrazão, como propõe Foucault, mas sim a uma concepção hegeliana da razão, onde a loucura seria integrada à dialética da mente subjetiva e permaneceria acessível. Swain encontra em Georg Hegel (1770 – 1831) a expressão filosófica da teoria de Pinel, para quem não haveria uma ausência de razão na loucura, mas uma contradição dentro dela mesma. Com isso, Pinel teria sido responsável por descobrir o “resto” da razão do alienado. O psiquiatra teria compreendido a loucura como tendo por base uma autodestituição que possibilitou conceber a alienação como manifestação do conflito de um sujeito posto em questão com sua própria alteridade (a loucura).

Em uma dimensão ampla, portanto, o confinamento psiquiátrico da loucura na era do Iluminismo teria um sentido oposto ao colocado por Foucault. Não um silenciamento e uma exclusão de um objeto desumanizado, mas, sobretudo, uma lógica de inclusão e de reconhecimento de uma necessidade humanitária. Uma medida humanitária aliada ao conhecimento científico e com a finalidade de tratar sujeitos que se viam adoecidos e por esse meio poderiam ser curados e restabelecer a razão. Em vista disso, a teoria sobre a alienação mental pode ter um sentido diverso daquele estipulado por Foucault, além de se inserir em um processo histórico mais amplo e complexo do que o estabelecido pela *História da Loucura*. (Swain, 1977,1994; Gauchet & Swain, 2012; Bergo, 2010; Moyn, 2009)¹³⁸

De modo mais amplo, Pinel seria a expressão de uma sociedade que abdicou de uma compreensão de si baseada em uma alteridade que não ela mesma (como Deus, por exemplo). Fazia parte de um momento de afastamento de modelos que tinham como referência de constituição subjetiva uma alteridade externa, compondo-a em uma autodivisão interna. Uma história, assim, de desapossamento pessoal e destituição subjetiva, onde a alteridade interna constitutiva representava um progresso social de inclusão, já que o normal e o diferente (o patológico) não eram diferenciados por suas individualidades, mas igualados em sua identidade fundamentalmente dividida.

¹³⁸ Gladys Swain e Marcel Gauchet tinham interesse por desenvolver uma história do *self* moderno, identificando a emergência da crença (e experiência) em uma discórdia interna constitutiva, ou um Eu dividido, pela medicina alienista do século XVIII. Teria ocorrido, portanto, desde essa época, a criação e invenção de uma alteridade interna da subjetividade humana, constituindo uma identidade dividida entre um Eu (*selfhood*) normal e outro delirante. A psicanálise mais tarde, tanto com Sigmund Freud, quanto, posteriormente, com Jacques Lacan, teria dado continuidade a essa ideia de uma configuração geral da psique humana baseada em uma divisão constitutiva de um sujeito alienado de uma parte de si.

No que se refere à relação entre psiquiatria e religião, por exemplo, a grande mudança ocorrida com Pinel, e continuada em Esquirol, caracterizou-se pela consideração da loucura fora do campo das ideias religiosas. Historiadores argumentam que seria insuficiente afirmar, como pretende Foucault, que durante os séculos XVIII e XIX a religião deu lugar a outras abordagens da realidade e diferentes estruturas sociais de organização da sociedade. O que teria ocorrido não seria uma simples mudança de paradigma, mas uma reorganização completa das interações sociais que ocasionaram uma profunda mutação na religião cristã. A emergência da psiquiatria estaria ligada a essa reorganização do campo social, estando sua rivalidade com a religião relacionada ao processo complexo que hoje é chamado, comumente, de secularização.¹³⁹

Nesse sentido, Philippe Huneman (2017) e Peter Vandermeersch (1991) apontam que uma das causas significativas dessa mudança pode ser atribuída aos novos elementos psicológicos empregados para unificar a sociedade religiosa dentro de um estado secularizado. O entendimento sobre a loucura pela psiquiatria moderna enquanto doença teria transformado a relação entre loucura e religião, inserindo a noção cristã de uma natureza humana *corrupta* dentro do quadro psicopatológico da doença mental. O ponto essencial dessa mudança teórica estaria na diferença entre uma lógica religiosa da salvação e uma lógica médica de recuperação. A lógica psiquiátrica teria se apropriado de elementos religiosos, considerando-os dentro do contexto de compressão da loucura enquanto alienação mental.

Na teoria de Pinel a religião estaria implicada no “princípio de mania” do sujeito que experimenta a divisão que define a loucura, formando uma das partes de sua “luta interna”: ela se situa ao lado da alienação e não da razão.¹⁴⁰ O médico surgiria como a outra parte, responsável por restabelecer a normalidade e curar a doença que se manifesta em uma forma religiosa. A medicina alienista teria se apropriado da loucura e aparentemente removido suas dimensões religiosas, de modo que, quando a religião por vezes emergia em forma de loucura,

¹³⁹ O conceito de secularização diz respeito ao processo de superação de hábitos e preceitos culturais pautados na religiosidade, estando diretamente vinculado à estruturação do mundo moderno. Refere-se, portanto, a desvinculação da religião às estruturas sociais, políticas e jurídicas do modelo teocrático que dominava a organização política e governamental da Europa feudal.

¹⁴⁰ Para Pinel, diante da incoerência das ideias de um paciente, era possível vislumbrar o seu “princípio da mania”. Haveria, por trás de uma sequência de sintomas que cada paciente revela, uma configuração específica que se encontra perturbada e constitui o princípio que dá origem e estrutura os sintomas do alienado. O médico alienista não agiria com base em um conhecimento psicológico geral sobre o ser humano, ou pela via de um domínio taxonômico e empírico sobre a mania, mas aplicaria o seu saber e desenvolveria seu conhecimento ao familiarizar-se com o princípio de mania de cada indivíduo em particular.

o conteúdo religioso tornava-se um pólo extremo de resistência contra o tratamento que a nova abordagem médica era capaz de engendrar e sistematizar.

Entretanto, o elemento religioso concentrava as razões que sustentavam uma resistência extrema ao tratamento moral. Enquanto a noção de loucura se desfazia do contexto religioso para, como doença mental, entrar no domínio da medicina e da psiquiatria, os casos de loucura que incluíam questões religiosas, longe de manifestarem, direta ou indiretamente, um escândalo do mundo, seriam a mais compacta, robusta e autárquica forma de alienação. Sendo assim, o aparato conceitual e institucional elaborado por Philippe Pinel pôde inserir a manifestação religiosa dentro de uma compreensão da loucura enquanto uma unidade, como uma doença dividida em classificações e que podia ser tratada no asilo.

Ainda sobre religião, mas não exatamente no interior de uma discussão teórico-clínica, a doença mental aparece de modo peculiar no período que precede a era dos alienistas. Se retornarmos à Europa do século XVII, por exemplo, período que Foucault descreve como chave na mudança de paradigma da compreensão da loucura pela sociedade europeia, bruxas eram julgadas em tribunais de vários países. Em alguns casos jurídicos de bruxaria durante a Era Clássica pode-se encontrar o exemplo de como as investigações médica e religiosa podiam estar entrelaçadas e constituindo um único e diversificado conjunto teórico referencial para a interpretação de fatos que posteriormente viriam a ser classificados pela psiquiatria moderna como patologias e desordens mentais. Na cidade protestante de Brunswick, na Alemanha, por exemplo, o julgamento de uma jovem chamada Elisabeth Lorentz em 1667 mostra como podia transcorrer a investigação sobre um possível crime de bruxaria. (Morton; Dähms, 2006, 2018)

O que se constata é que o discurso médico-jurídico, supostamente racional, e crenças religiosas estavam entremeadas de um modo que contraria a ideia de uma contraposição significativa entre razão e desrazão no século XVII. O conhecimento médico e a consideração de aspectos emocionais e comportamentais podiam ser considerados junto a questões jurídicas e teológicas. No caso de Elisabeth existia a suspeita de que a acusada pudesse sofrer de questões mentais, o que poderia levar à invalidade jurídica da acusação de crime de apostasia. Havia, de fato, a hipótese de que ela pudesse ter sido acometida pela melancolia, um diagnóstico comum durante os séculos XVI e XVII e que fazia parte de um ambiente onde explicações naturalísticas e religiosas de questões mentais coexistiam na interpretação de fenômenos sociais.¹⁴¹ O caso de Lorentz seria um exemplo de outros processos e compreensões sociais dentre diversos outros

¹⁴¹ O livro *A anatomia da Melancolia* de 1621, escrito por Robert Burton (1577 – 1640), por exemplo, se tornou bastante popular em sua época e teve muitas edições publicadas. Sua obra exerceu grande influência posterior, constituindo um tratado que unia questões médicas, científicas, filosóficas e religiosas sobre o tema.

casos em várias regiões da Europa durante o século XVII. Uma evidência histórica, portanto, que permite problematizar e discutir a generalidade de uma divisão entre razão e desrazão que, aos poucos, segundo Foucault, dominava todas as formas de existência e organização social da época.¹⁴²

Curiosamente, o fenômeno da bruxaria é analisado apenas superficialmente por Foucault em seu livro, assim como não é dada uma atenção maior à relação entre possessão e loucura. Isso chama a atenção, pois a existência e perseguição de bruxas fez parte de um período marcante da cultura europeia durante a Idade Moderna, ganhando relevância no século XV e podendo ser encontrada até o século XVIII. Apesar de citar, por exemplo, a magia e a feitiçaria, Foucault não problematiza a bruxaria enquanto um fenômeno social complexo e de características particulares na Idade Moderna. Para ele, tais fenômenos se incluíam em um conjunto de *categorias de profanação* que seriam, de forma semelhante, identificados no campo da *desordem* e moralmente condenáveis à internação no processo de transformação ética da Era Clássica.¹⁴³ Contudo, a análise do fenômeno moderno da bruxaria e das ideias de possessão e pacto com o diabo mostram que ainda havia espaço jurídico, teológico, administrativo e cultural para compreensões e respostas outras para esses tipos de manifestações.

As discussões que articulam psiquiatria e religião na modernidade, assim como o exame do caráter do pensamento diagnóstico da psiquiatria francesa dos séculos XVIII e XIX, demonstram como é possível propor outras interpretações para a história da loucura na Idade Moderna. Do ponto de vista histórico, os argumentos e conclusões propostos na *História da Loucura na Era Clássica* parecem insuficientes para concluir que a psiquiatria moderna foi fruto de um processo exclusivamente repressivo e moral fomentado pela “razão” das instituições modernas. A história da loucura na Idade Moderna se mostra como um processo complexo e diverso, em que o entendimento sobre a sua transformação gradual em doença mental é insuficientemente compreendida pela narrativa peculiar de Michel Foucault.

3) Limites da narrativa de Foucault e o valor da *História da Loucura*

As críticas à metodologia e à historiografia da obra de Michel Foucault parecem ressaltar uma fraqueza empírica e interpretativa de muitas de suas conclusões. No que concerne

¹⁴² Para uma abordagem mais ampla e aprofundada sobre bruxaria, bem como para uma bibliografia atualizada, ver Levack, B. (2013), *The oxford handbook of witchcraft in early modern Europe and Colonial America*.

¹⁴³ Foucault, M. *História da Loucura na Era Clássica*, 2019, p. 95.

às respostas sociais, tratamentos e representações da loucura, por exemplo, poucos avanços puderam ser vistos no período chamado por Foucault de Era Clássica, permanecendo os loucos em seus velhos lugares de exclusão, repressão e segregação. Além disso, por mais que a Idade Moderna tenha dado início a um processo de compreensão científica da loucura, o período em questão não parece ter sido tão unânime no trato das desordens mentais.

Ao longo de muitos séculos seria possível observar pela Europa respostas sociais e compreensões polissêmicas das manifestações da loucura. O asilo teria permanecido como uma medida relevante, mas sem ainda se tornar sistemático e hegemônico. Assim como a medicina não deteria a exclusividade como saber sobre as questões mentais, havendo ainda grande espaço para concepções morais, religiosas e sobrenaturais da loucura. No período que abrange o Renascimento até o século XVIII, a sociedade europeia ainda tinha poucas propostas específicas para o problema da loucura, e em especial, se considerado pelo saber médico. A loucura se mostraria como um fenômeno múltiplo, considerado segundo perspectivas religiosas, jurídicas e médicas, pertencendo a um contexto mais amplo de reformas religiosas e reorganizações administrativas de estados.

Parece um equívoco afirmar que durante o início da Idade Moderna a loucura seria vista exclusivamente sob as óticas da razão e do imperativo moral do trabalho. Do ponto de vista histórico, a Europa da Era Clássica parecia um contexto cultural em que a loucura podia ser compreendida a partir de uma pluralidade de discursos em meio a um processo de inclusão burocrática e institucional de sujeitos anteriormente invisíveis.¹⁴⁴ Se considerarmos as evidências apresentadas por Foucault, não é possível afirmar que a representação social da loucura durante a Idade Moderna e o destino dos “loucos” se dava exclusivamente pelo entendimento racional, moral e científico. (Scull, 2011, 2014; Midelfort, 1980, 1999)

As análises sobre a historiografia e metodologia da *História da Loucura*, e dos argumentos relativos à Descartes, à Grande Interação e ao pensamento dos alienistas, não parecem garantir que os argumentos de Foucault sejam sustentáveis, tanto de um ponto de vista metodológico quanto histórico. Tais pontos, no entanto, são de relevância fundamental para a sua ideia central de que a constituição da psiquiatria moderna teve origem em um processo racional e moral de exclusão e silenciamento da loucura. As análises apresentadas contradizem a ideia de que o internamento da Era Clássica representou um retrocesso moral, como defendido por Foucault. Na verdade, ciência e humanismo pareciam caminhar juntos em direção à constituição da psiquiatria moderna. Pesquisas históricas permitem repensar a ideia de que ao

¹⁴⁴ Midelfort, E. A history of madness in sixteenth-century Germany, 1999, p. 7 - 10.

longo da história do Ocidente a loucura foi “silenciada” ou que era teórica e institucionalmente desconhecida.

Para além dos problemas metodológicos e historiográficos, as críticas à narrativa de Michel Foucault na *História da Loucura* revelam também as implicações epistemológicas mais amplas da sua visão de linguagem e de história. Por meio da arqueologia o historiador francês inevitavelmente encontrou a existência de uma coerência estrutural inassimilável - um passado sem materialidade. Pois ir em busca do silêncio da loucura implica necessariamente um vazio empírico que não pode ser expresso pela linguagem: um vazio essencial, mas não localizável e somente perceptível por meio da ilusão da certeza e no equívoco sobre a continuidade histórica.

Dito de outro modo, a análise estrutural de Foucault imprime descontinuidade entre períodos da história e identifica nas relações entre coisas e palavras uma “razão” dos sistemas de pensamento no tempo. Em sua narrativa a continuidade histórica é governada pela ambiguidade, já que a delimitação de diferentes epistemes faz surgir a ideia de uma continuidade real, mas que determina também uma diferença artificial entre períodos. O problema estaria então diretamente relacionado à figura de Michel Foucault, no sentido de que há em sua posição uma relação própria do sujeito com a alteridade que é a loucura em sua história. Sua maneira de se referir e diferenciar períodos do passado expõe uma atitude apriorística que já de início tem o problema do eu-outro. A partir de analogias, noções, similitudes e identidades o autor se permite demarcar as diferenças de tempos que não viveu, traçando limites e contornos epistemológicos de cunho pessoal e dedutivo. O modo de organizar a história torna-se então um problema epistemológico da *História da Loucura* e a conduta frente ao desconhecido se mostra, em certa medida, imperialista, demarcando limites, rupturas e verdades sobre sistemas de linguagem e sem tomar o seu próprio método como objeto de problematização. (Certeau, 2000, 2011; Iliopoulos, 2017)

Nesse sentido, o descuido se estende até mesmo às próprias palavras que aparecem na obra e que carecem de definições que esclarecem seus sentidos e significados. A palavra Razão, por exemplo, é utilizada por Foucault sem uma definição clara e sob um uso pouco consistente da letra maiúscula, em uma esfera retórica ocasional. O que, no entanto, é um uso contestável, porque sugere – apesar de não parecer a intenção de Foucault – a substancialização da “razão” como uma força supra-histórica. O próprio termo loucura, central para a obra, não recebe um tratamento aprofundado quanto ao seu significado.

A palavra é utilizada pelo autor de uma maneira que dá a impressão de que o seu significado já está compreendido de antemão pelo leitor. Isso se revela problemático já que ele não tem a pretensão de descrever a loucura em sua história, mas o uso que faz se estende para

períodos, contextos e situações diversas - mesmo que tenha cunhado o termo *desrazão* para o caso da Era Clássica. Sendo assim, o significado da palavra loucura em sua obra parece vinculado à noção de seu contexto de produção e reflexão intelectual.¹⁴⁵ Um projeto como o de Foucault, portanto, não deveria apontar na direção de uma localização histórica que fala como se conhecesse e soubesse o que é a loucura em sua totalidade - ainda que seja possível considerar seu estilo de escrita barroco como uma tentativa de escapar, ou de se contrapor, à linearidade supostamente rápida e objetiva da linguagem preconizada pelo discurso científico. Paradoxalmente, isso parece reconduzir à própria ordem da razão, dando um sentido histórico à loucura que pressupõe organização, linearidade e lógica.

Em outros casos, as interpretações de Foucault podem ter sido prejudicadas também por questões de tradução. No que se refere à leitura da Primeira Meditação de Descartes, por exemplo, teria encontrado na palavra *insanus* (insano) a característica de uma terminologia médica e em *amens* (louco) e *demens* (extravagante) termos equivalentes usados para dispensar a loucura de um ponto de vista jurídico (de jurisdição). Contudo, há uma importante diferença entre esses dois termos em Descartes, onde o primeiro indica uma negação (a-mens, sem mente) e o segundo uma privação (de-mens, desprovido de mente). A comparação com o louco, portanto, considerado como sem mente, reflete uma perversão, um absurdo, de modo que a meditação cartesiana rejeita essa possibilidade e busca uma razão equivalente para duvidar. (Beysade, 2016).

De qualquer maneira, cabe destacar que a discussão sobre o trabalho filosófico de Michel Foucault é difícil e inacabada. Tecer críticas à sua tese não é uma tarefa simples e limitada aos aspectos historiográficos e metodológicos de sua obra e pensamento. Apesar das falhas em seu trabalho como historiador e das críticas quanto ao seu método, ainda parece incontornável dar voz à originalidade da *História da Loucura na Era Clássica*. Como defendem alguns historiadores, grande parte das críticas ao seu trabalho se mostram equivocadas e não parecem compreender o verdadeiro objetivo do autor. Não atentam devidamente, por exemplo, para o caráter metodológico e o interesse teórico específico que conduzem suas reflexões e conclusões. Mostram-se muitas vezes mal fundamentadas ou até incorretas na maneira de considerar a filosofia de Foucault, não ressaltando o caráter sociológico e seus reais interesses, em especial – que, de um modo criativamente paradoxal, é concomitante a suas pesquisas com

¹⁴⁵ Em *From revolution to ethics: may 1968 and contemporary French thought* (2007), Julian Bourg mostra como os críticos da psiquiatria do período pós 2a Guerra Mundial enxergavam a loucura enquanto uma ferramenta de crítica social e política, desafiando as concepções tradicionais de normalidade e patologia. Além disso, o significado da palavra era muitas vezes associado a ideias de liberdade, revolução, potência e desejo, o que denuncia um tipo de percepção cultural sobre a loucura.

documentos e livros - pela experiência da loucura em oposição a uma análise empírica e exclusivamente histórica do fenômeno. (Gordon, 1990; Gutting, 2005)

Em vista disso, é pertinente reexaminar as críticas apresentadas e expor argumentos a favor de Foucault. Em relação ao problema no uso das fontes e evidências, pode-se argumentar que Foucault não pretendia fazer uma história positiva da loucura. Ao invés de fazer uma história tradicional e reconstruir empiricamente os fatos e evidências históricas, suas intenções arqueológicas e genealógicas visam, sobretudo, revelar as condições de possibilidade de determinados discursos e práticas. Seria uma direção de escolha pela possibilidade de pensar sobre algo, mais do que de descrever como realmente as coisas ocorreram factualmente na história. No que se refere ao caso da Grande Internação, mais especificamente, é coerente sustentar que a ideia de um confinamento em massa durante o século XVII não deve ser limitada a aspectos quantitativos, mas compreendida, sobretudo, como a descrição de uma nova racionalidade política em emergência durante a Idade Moderna. Foucault descreve, sobretudo, uma mudança de regime de saber-poder voltada para a gestão de populações desviantes, e não um evento estatístico. Quando críticos como Andrew Scull exigem evidências empíricas ou negam a onda de internamentos, parecem ignorar o domínio de uma nova economia moral e institucional de controle dos *corpos*. Mesmo que a internação não tenha sido massiva, seus efeitos simbólico e reorganizador teriam valor estrutural.

É possível defender Foucault também em relação à aspectos metodológicos e historiográficos da *História da Loucura*. No que se refere à crítica sobre Descartes, ainda que Derrida discorde textualmente de Foucault e sua leitura seja polêmica e contestável, sua interpretação tem valor filosófico e não deve ser reduzida a uma reconstrução histórica e argumentativa literal e desprovida de sentido. Não seria o caso de concluir se Descartes excluiu ou não a loucura, mas se o Cogito é um fundamento racional que opera como se a dispensasse como desrazão. É, portanto, uma imagem simbólica de exclusão sistemática da alteridade e que pode ser valorizada como uma possível interpretação filosófica do texto cartesiano.

Quanto à Philippe Pinel e a outras interpretações sobre o pensamento diagnóstico dos alienistas em uma dimensão humanitária, além da científica, não é possível recorrer a elas para anular o ponto de Michel Foucault. De certa maneira, a inclusão da loucura em uma subjetividade racional também pode ser vista como uma forma de captura e normatização da alteridade. Ainda que seja possível contestar o processo de constituição da psiquiatria como apresentado por Foucault e a intenção puramente moral e de controle da psiquiatria, o louco permanece como objeto da terapêutica a ser reorganizado pela razão (humanitária) durante a Idade Moderna. As alternativas de interpretação são plausíveis, mas apresentam um caráter

ambíguo da psiquiatria, já que além de reconhecer o sujeito na loucura, também o modela de acordo com a racionalidade médica e estratégias de saber e poder.

Por último, o tema da bruxaria e outras formas culturais de apropriação e compreensão da loucura não são pontos centrais de sua obra, que, mais do que reconstruir todas as formas possíveis de manifestação da loucura, propõe-se a identificar transformações e rupturas epistêmicas. Recorrer a fenômenos como a bruxaria como forma de crítica é interessante para ressaltar a pluralidade e a complexidade histórica, além da possibilidade de outras interpretações sobre a história da loucura. Entretanto, não devem ser utilizadas para julgar o caráter histórico da *História da Loucura* e apontar para direções que ela não se propôs a analisar e argumentar.

Considerações Finais

O que se pode concluir a partir deste trabalho é que existem diferentes modos e possibilidades de se fazer uma história da loucura, sendo a construção narrativa de Foucault singular e peculiar, mas também original. O não reconhecimento do trabalho de Foucault enquanto parte da disciplina de História, apesar do mérito de diversas críticas que apontam isso, não parece inteiramente justificável. Muito disso pode ter origem em problemas de tradução e confusões conceituais que comportam noções sobre desvio, medicalização e dualismo cartesiano incompatíveis com suas concepções filosóficas e sociológicas. Na *História da Loucura* há riqueza e inovação de perspectiva sociológica na interpretação de fatos e evidências empíricas, com relevância e efeitos importantes para o seu contexto de produção intelectual e de oposição aos tratamentos desumanos destinados a pacientes psiquiátricos em instituições de caráter asilar do século XX.

É preciso estar atento para o fato de que Foucault está mais interessado na experiência social, moral e ética da loucura, que envolveria atitudes, sensibilidades e percepções sociais, do que nos eventos materiais do encarceramento dos loucos e de constituição da psiquiatria moderna. Por essa razão, pôde formular a categoria fictícia da Desrazão como meio de caracterizar essa experiência complexa da loucura na Era Clássica. Os fatos históricos em Foucault devem ser considerados com base em uma perspectiva de história distinta de um trabalho tradicional que os consideram como *suportes* para interpretações. As evidências que apresenta seriam antes *ilustrações* para um esquema interpretativo, como no caso da apresentação da relação entre razão e loucura na Primeira Medição de Descartes, de onde retira a ideia da exclusão da loucura da possibilidade de existir e pensar. O trabalho histórico de

Foucault teria assim um caráter idealista, em oposição a um trabalho de caráter empírico, de modo que o valor de sua construção histórica estaria antes em uma coerência interpretativa, mais do que em uma correspondência entre dados, fatos e eventos.

Em vista disso, o interesse de Foucault em compreender a experiência da loucura (e da desrazão) na Era Clássica por meio da arqueologia do saber não se orientaria pela busca de particularidades, verdades e certezas escondidas e empiricamente inacessíveis. A palavra experiência carrega antes um sentido sociológico amplo que procura descrever de maneira geral e anônima a experiência heterogênea de uma época, desvelando uma estrutura sócio-histórica que ilustra as mudanças da relação da sociedade europeia frente à loucura e a gênese de práticas modernas institucionais e asilares de internamento. Do ponto de vista histórico, sua narrativa propõe a construção de uma estrutura que narra a história da loucura como uma oposição/descontinuidade entre períodos de uma loucura não racionalizada e outra racionalizada.

Portanto, pode-se argumentar que faz sentido reconhecer o trabalho histórico feito por Foucault, não sendo a crítica à sua pesquisa uma tarefa tão simples quanto aparenta. Seria pertinente valorizar sua escrita da história também em uma dimensão literária e ética e não somente em função de análises interessadas no caráter propriamente histórico de sua narrativa. *A História da Loucura* assume um caráter também performático que procura se contrapor a uma forma de fazer (a história da) psiquiatria, onde o autor pretende, ainda que de maneira peculiar, e talvez equivocada, mas enriquecedora, viver e encarnar a liberdade da loucura.

Por fim, este artigo expõe a permanência e necessidade de uma discussão ampla e aprofundada sobre o tema. As críticas à *História da Loucura* recaem sobre pontos, argumentos e conclusões importantes da obra e se mostram fundamentais para uma compreensão mais refinada e complexa sobre a relação histórica entre a psiquiatria e a loucura. A partir deste trabalho espera-se que fique evidente tanto a importância das críticas ao projeto de Foucault e de sua visão da psiquiatria como um retrocesso repressivo e moral, quanto a ideia oposta de que o pensamento diagnóstico tem origem em um processo que aliava preocupações científicas e humanitárias. Ambas as interpretações da história da loucura mostram-se importantes, assim como também assumem valor para uma melhor compreensão e entendimento sobre a relação entre a sociedade, a racionalidade médica e a loucura nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS

ARYAL, Y.; CISNEY, V. W.; MORAR, N.; PENFIELD, C. *Between Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

BARBOSA, Bruno Daemon. *Sobre a História da Loucura: aspectos metodológicos e historiográficos em Michael Foucault*. Rio de Janeiro, 106 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

BERGO, Betina. What *Sujet de la folie*? Gladys Swain and Marcel Gauchet's search for an alternative history of madness. V. 5, n. 2, p. 87-124. Montreal: Phaenex: journal of existential and phenomenological theory and culture, 2010.

BEYSSADE, Jean Marie. 'But such people are insane': on a dispute passage from the first meditation. In: ARYAL, Y.; CISNEY, V. W.; MORAR, N.; PENFIELD, C. *Between Foucault and Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

BOURG, Julian. *From revolution to ethics: may 1968 and contemporary French thought*. Québec: McGill-Queen's University Press, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. The black sun of language: Foucault. In: *Heterologies: discourse on the other*. 6 ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

DERRIDA, Jacques. Cogito e História da Loucura. In: *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Era Clássica*. 12 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

_____. Prefácio (Folie et déraison). In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (Org.) Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. *Fearless speech*. Edit by Joseph Pearson. Los Angeles: Semiotext(e), 2001.

GAUCHET, Marcel; SWAIN, Gladys. *Madness and Democracy: The Modern Psychiatric Universe*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

GORDON, Colin. *Histoire de la folie: an unknown book by Michel Foucault*. *History of the Human Sciences*, v.3, n. 1, p. 13-26, 1990.

GUTTING, Gary. *The Cambridge Companion to Foucault, second edition*. New York: Cambridge University Press, 2005.

HUNEMAN, Philippe. *From a religious view of madness to religious mania: the Encyclopédie*, Pinel, Esquirol. *History of Psychiatry*, v. 28, n. 2, p. 147-165, 2017.

ILIOPOULOS, John. *The history of reason in the age of madness: Foucault's Enlightenment and a radical critique of Psychiatry*. London: Bloomsbury Academic, 2017.

LEVACK, Brian. P. *The Oxford handbook of witchcraft in Early Modern Europe and Colonial America*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MIDELFORT, Hans Christian Erik. Madness and civilisation in Early Modern Europe: a reappraisal of Michel Foucault. In: MALAMENT, B. C. *After the reformation: essays in honor of J. H. Hexter*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.

_____. *A history of Madness in sixteenth-century Germany*. California: Stanford University Press, 1999.

MORTON, Peter Alan; DÄHMS, Barbara. *The trial of Tempel Anneke: records of a witchcraft trial in Brunswick, Germany, 1663*. Ontario: Broadview Press, 2006.

_____. *The bedevilment of Elizabeth Lorentz*. Toronto: University of Toronto Press, 2018.

MOYN, Samuel. *The assumption by man of his original fracturing: Marcel Gauchet, Gladys Swain, and the history of the self*. Modern Intellectual History. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PORTER, Roy. *Madness: a brief history*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

SCULL, Andrew. *Madness: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____. *Cultural Sociology of madness: an A-to-Z guide*. Los Angeles: SAGE Publications, 2014.

_____. *Madness in civilisation: a cultural history of insanity, from the bible to Freud, from the madhouse to modern medicine*. London: Princeton University Press, 2015.

_____. *Psychiatry and its discontents*. Oakland: University of California Press, 2019.

SWAIN, Gladys. *Le sujet de la folie: Naissance de la psychiatrie*. Privat Toulouse, coll. Rhadamanthe, 1977.

_____. Une logique de l'inclusion: les infirmes du signe. In: *Dialogue ave l'insensé: essais d'histoire de la psychiatrie*. Éditions Gallimard, p. 111-130, 1994.

VANDERMEERSCH, Peter. The victory of Psychiatry over demonology. The origin of the nineteenth century myth. In: *History of Psychiatry*, v. 2, p. 351-363, 1991.